lher, nem a deliciosa filhinha contam mais, Luís se torna o personagem protuberante, de uma predominância, que nada, na primeira parte, autorizava.

Assim vejo êste importante livro de Telmo Vergara. É uma etapa vencida. Um defeito muito sério de construção, alguns defeitos perigosos mas fàcilmente corrigíveis de estilística, e qualidades numerosas e fortes de observação, sentimento poético, poder descritivo, caracterização, e linguagem. É muito grande a responsabilidade de Telmo Vergara, que está agora no momento de nos dar a obra-prima que eu espero dêle.

A RAPÔSA E O TOSTÃO

(27-VIII-939)

O Brasil está sem dúvida num dos períodos mais brilhantes da sua criação artística. Em algumas artes, pintura, arquitetura, a própria música, ainda se apresentam apenas algumas genialidades isoladas, mas na literatura é tôda uma falange de poetas e prosadores que, de norte a sul, unificam o país dentro da mesma fôrça criadora e da mesma riqueza de manifestações variadas.

Está claro que não há riqueza sem trocos miúdos, nem fôrça exercida sem suor. Suores e trocos participam da riqueza e da fôrça, mas convém não permitir que o suor se julgue músculo e reconhecer que na riqueza nem tudo são cheques de cinqüenta contos, mas há notas de cem mil-réis, dez mil-réis e até moedinhas de tostão.

Cabe à crítica, mesmo que se torne incivil e antipática, chamar ao tostão pelo seu modesto nome de tostão. Crítica e condescendência são coisas divorciadas desde sempre, mormente nos países de pequena cultura, onde frequentemente os artistas se improvisam à custa de talento muito e nenhum saber. Substitui-se a técnica pelo brilho disfarçador, o cuidado da forma por uma vaga (e aliás fàcilmente intimidada) intenção social. O brilho satisfaz às moças, as intenções sociais garantem o aplauso de certos ameaçadores fantasmas. E misturando à receita algumas concessõezinhas ao público, v. g. demagogia, repetição de processos bem sucedidos antes, elogio mútuo nos jornais e alguns eloquentes malabarismos sentimentais, é fácil a celebridade em vida e a esperança das estátuas para além da morte. E há muito disto tudo na literatura contemporânea do Brasil.

Esta crónica deriva, é certo, de uma nota saída recentemente a respeito da minha atitude crítica, na excelente revista "Dom Casmurro", mas estou falando em

geral. Sou incapaz de indiretas grosseiras, e não me refiro, pois, a quem escreveu a nota, pessoa que sempre admirei e continuo admirando, como romancista, o Sr. Jorge Amado. A observação que fêz, porém, si maldosa por motivos que ignoro, corresponde à opinião talvez de muitos. Ainda nesta semana, recebo de um moço, já redator de jornal literário, uma carta em que se diz: "Só não compreendemos é quando você fala no valor essencial da forma e quando cata defeitos de linguagem, porque isso nos desnorteia." Como se vê, a censura vale e merece a explicação desta crónica.

Quais os princípios da minha atitude crítica? Na crónica inicial desta série, eu me dizia crente da arte, mas regido pelo princípio de utilidade, só cedendo êste princípio diante do "essencial" que porventura viesse a encontrar. E terminava: "E não estará nisto a mais admirável finalidade da crítica? Ela não deverá ser nem exclusivamente estética nem ostensivamente pragmática, mas exatamente aquela verdade transitória, aquela pesquisa das identidades "mais" perfeitas que, ULTRAPAS-SANDO AS OBRAS, BUSQUE REVELAR A CULTURA DE UMA FASE E LHE DESENHE A IMAGEM." Eis todo um programa que, num meio que vive muito de princípios brotados ao léu da dificuldade a transpor, tem o mérito de ser um programa.

A literatura brasileira está numa fase de apressada improvisação, em que cultura, saber, paciência, independência (só pode ser independente quem conhece as dependências) foram esquecidos pela maioria. E foi principalmente esquecida a arte, que por tudo se substitui: realismo, demagogia, intenção social, espontaneidade e até pornografia. Pouco importa os valores reais e muito grandes que apresentemos. Pouco importa o cuidado artístico admirável de um Graciliano Ramos, o lirismo iluminado de um Murilo Mendes, a personalidade torrentosa de um Lins do Rêgo. Pouco importa a esplêndida fôrça comunicativa de um "Jubiabá", a profundeza humana impregnante de um "João Miguel", a fluidez verbal raríssima da "Menina Bôba". Há os tostões.

Seria simplesmente imbecil negar o valor das obras menores, porém nem seria possível estudá-las sob o ponto de vista do absoluto das obras-primas, que as repudiaria, nem seria útil analisá-las em suas mensagens particulares, demasiado restritas pra irem além do autor e dos amigos do autor. As obras menores são importantíssimas, porém o seu valor é mais relativo que independente. Alimentam tendências, fortificam ideais, preparam o grande artista e a obra-prima, fazem o claro-escuro de uma época, e lhe definem traços e volumes muito mais que as grandes obras. Que estas, por isso mesmo que são grandes, passam imediatamente para o plano do absoluto. Em sua função de quotidianidade, nuas, sem o revestimento aparatoso e eterno da genialidade, as obras menores nos mostram muito milhor os traços, as qualidades e os defeitos duma época. E o que vemos atualmente?

Uma legião de moços, de incontestável valor, mas apressados, inteiramente despreocupados de arte, ignorantes dos problemas da forma, na mais paradisíaca e melancólica convicção de que escrever romances e poemas é deixar correr a pena sôbre o papel. O Modernismo abrira certas portas à liberdade da criação, mas eis que

se puseram a derruir tôdas as muralhas!

Seria simplesmente coxo intelectual quem imaginasse eu esteja pregando qualquer volta ao formalismo parnasiano. O Parnasianismo foi muito frágil exatamente pela sua confusão entre forma e fôrma. Destruíram a fluidez da palavra que virou puro valor martelado e silábico. Destruíram a elasticidade das construções poéticas que viraram ossaturas rígidas, sem movimento. Destruíram a expressividade dos ritmos, substituindo-os por métricas de zé-pereira. A graça de um pingo de rima engordou-se na bomba da rima rica. E a exatidão de linguagem virou subserviência à gramática. Foi contra essa grosseira confusão (não de todos mas geral) que ameaçava destruir o sentido da poesia e da própria prosa, que se reagiu. Se reagiu com erros e verdades, com experiências, inovações e retornos a coisas antigas mais legítimas, porém tudo isto não significava dissolução, libertinagem. Os que desejarem saber o que significavam dissolução e libertinagem nos que estavam um bocado conscientes em 1922, vão procurá-las em Manuel Bandeira, êste um escritor culto, um esteta, que sabe o dinamismo de um ritmo, o segrêdo de adequação de uma forma ao seu conteúdo, o valor da expressão lingüística exata, e o perigo de uma palavra em falso, capaz de sacrificar uma mensagem.

Embebedados de glória, com as cabeças alcoolizadas de esperancas fáceis e já se imaginando outros tantos Érico Veríssimo ou Jorge de Lima, os moços escrevem e publicam, célebres de antemão. Pois Marques Rebêlo também não é célebre? Por que não o serei também! E uns se desiludem porque não lhes dou logo ao primeiro livro as honras de um inteiro rodapé, e outros se ofendem porque vou lhes tirar das obras os exemplos que me servem pra desenhar as falhas do tempo atual.

É certo que pratico assim. Há um pêso em minha crítica que impõe rodapés inteiros a figuras já feitas ou para a raridade de um estreante excepcional como Luís Jardim. Mas seria injustiça vesga dizer que não dou uma palavra de explicação de qualquer das figuras tratadas mesmo de passagem. Apenas, si acaso nomear livros e nada falar sôbre êles, ainda é criticar, pois si há os que trazem mensagens consigo, infelizmente há muitos que nada trazem. Porque nesta questão de riqueza, não existem apenas os contos e os cem mil-réis: há que não permitir no tesouro a entrada das notas falsas.

Os maus modernistas se insurgiam contra a cultura. Hoje é provável que muitos se insurjam contra a cultura também... Acusam os modernistas de não terem construído coisa alguma. Aceito. Mas eu desafio quem quer que seja a me mostrar um só período construtivo de arte em que a preocupação da forma não fôsse elemento principal. Ou construímos ou... romantizamos. Mas é bem possível que estejamos, sem saber, em pleno Romantismo...

Não há obra-de-arte sem forma e a beleza é um problema de técnica e de forma. Charles Lalo chega a afirmar que o "sentimento técnico" é o único a ser diretamente estético por si mesmo. E, com efeito, todo e qualquer sentimento outro, tôda e qualquer verdade, tôda e qualquer intenção, não consegue se tornar beleza, si não se transformar nesse sentimento técnico, que contempla o amor, a verdade, a intenção social e lhes dá forma. Forma estética, isto é, a obra-de-arte. Não mais a realidade, mas como que o seu símbolo — êsse formidável poder de convicção da beleza que a torna mais real que a própria realidade. O artista de mais nobres intenções sociais, o poeta mais deslumbrado ante o mistério da vida, o romancista mais piedoso ante o drama da

sociedade poderão perder até noventa por cento do seu valor próprio si não tiverem meios de realizar suas intencões, suas dores e deslumbramentos. Ou então qualquer contista de semanário religioso seria milhor que Machado de Assis! E os meios de realizar intenções e deslumbramentos só podem vir de gramática e da criação da forma. Jamais me preocuparam erros de gramática, mas me preocupam "erros" de linguagem que fragilizam a expressão. Jamais exigi de ninguém a forma rija do ditirambo, mas repudio e hei de profligar o amorfo, as confusões do prosaico com o verso-livre, a troca da técnica por um magro catecismo de receitas, o monótono realismo escamoteando em sua estupidez moluscóide aquela transposição para o mundo da arte, em que o mal de um se converte em mal de muitos. Tanto a arte convence...

O caso da literatura é por certo muito complexo porque nêle a beleza se prende imediatamente ao assunto e com isso não há mais barreiras para o confusionismo. Si em pintura um crítico se preocupar exclusivamente com os problemas da forma, nenhum pintor se revoltará; e o mesmo acontece com as outras artes plásticas e a música. Mas é que nestas artes, mais fàcilmente livres de assunto, em que a paisagem, a natureza morta, a sonata, o noturno, e a própria Vênus ou a canção de amor, normalmente se ligam com muito pouca intensidade aos nossos interêsses vitais: a beleza, a objetividade meramente formal dos seus problemas podem ser tratados com franqueza, sem que o crítico seja acusado de formalismo, de esteticismo e outras xingações aparentemente pejorativas. E é exatamente pela realização em formas plásticas ou sonoras, pela transposição em beleza, que o assunto, mesmo de violenta intenção social como uma "Heróica" ou num Gova, representa realmente uma concepção estética do mundo e da vida, uma nova síntese, um valor crítico que se inclui no sentimento de beleza.

Em literatura o problema se complica tremendamente porque o seu próprio material, a palavra, já comeca por ser um valor impuro: não é meramente estético como o som, o volume, a luz mas um elemento imediatamente interessado, uma imagem aceita como fôrca vital, tocando por si só o pensamento e os interêsses do ser. E assim, a literatura vive em fregüente descaminho porque o material que utiliza nos leva menos para a beleza que para

os interêsses do assunto. E êste ameaça se confundir com a beleza e se trocar por ela. Centenas de vêzes tenho observado pessoas que lêem setecentas páginas num dia. valorizam um poema por causa do sentido social dum verso, ou indiferentemente pegam qualquer tradução de Goethe pra ler. Que o assunto seja, principalmente em literatura, um elemento de beleza também, eu não chego a negar, apenas desejo que êle represente realmente uma mensagem, como na obra de um Castro Alves. Quero dizer: seja efetivamente um valor crítico, uma nova síntese que nos dê um sentido da vida, um aspecto do essencial. Apenas garanto que esta nova síntese, que é o próprio propósito da arte, ou desaparece ou fica em meio, si o artista não dispõe dos elementos formais necessários que a realizem com perfeição. Mas acontece que muitos, justamente porque ignoram tais problemas, ou não querem o trabalho, a luta de se cultivar, se insurgem contra a cultura, consideram ninharias os problemas da forma, e só exigem o núcleo, a "mensagem". Se esquecem que justamente por isso abundam no mundo os mensageiros que, em vez de mensagens, o que trazem são cartas anónimas, vagas e impessoais notícias, sem caráter nem fôrça, que podem quando muito indicar pra que lados sopram os ventos da vida.

E assim se desenha a fisionomia da nossa atual literatura. Jamais a confusão não foi tamanha. A atividade das casas editôras exigindo livros pra sustento dos mercados, a disseminação urbana da cultura produzindo numerosos núcleos de leitores, a grandeza de algumas figuras realmente admiráveis, o interêsse por certos assuntos sociais em que se transfere uma atividade política cerceada, a imitação fácil de sucessos garantidos: produziram uma exacerbação do ânimo produtor. Há um verdadeiro assanhamento de criação literária em que as imitações, as falsificações, as mistificações, ou apenas as pressas, ameaçam confundir tudo. Não é possível à crítica jurar que os seus aplausos de hoje tenham a ratificação do futuro. Mas lhe é possível a posição antipática de ferir os pontos fracos, as falhas, as falsas volúpias, os abusos de liberdade do tempo. Porque tudo isto se garante na comparação do passado. E si nós hoje veneramos um Bocage, um Gonçalves Dias e vemos tantos nomes, vivos um tempo, agora socobrados em nossa indiferença, nós sabemos que os que ficaram, ficaram menos pela sua mensagem do que por lhes ter dado forma competente. Mensagens que se eternizaram porque belas mensagens.

Quanto a mim... O maior perigo dos que conseguem alguma notoriedade é ficarem escravos dos seus admiradores. Há um pedaço muito saboroso e fecundo na obra de David Garnett: é quando, em "A Mulher que virou Rapôsa", o marido se apercebe que não é apenas êle que se esforça em dar bons costumes de gente à sua raposinha adorada, mas que esta começa a exigir dêle tomar os maus costumes dos raposos. Os admiradores são mais ou menos como a raposinha de "Lady into Fox". Depois que admiram não nos concedem mais a liberdade de ser. Fazem de nós uma imagem lá dêles, e depois há que corresponder a êsse retrato que nunca é do tamanho natural. Si correspondemos, conservamos a claque, mas adeus curva do destino! Viramos repetidores de nós mesmos e macaqueadores da mocidade. Mas si não correspondemos ao retrato encurtado e antes preferimos a lealdade interior, então, ai! somos abandonados e a multidão nos deixa em busca de outras adorações. Progressos, decadência?... Tudo é possível neste mundo vasto, mas também é incontestável que sòmente na solidão encontraremos o caminho de nós mesmos.